



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Cidades, Campos e Territórios

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: TERRITÓRIOS URBANOS E METRÓPOLE: LINGUAGENS E SIGNOS DO GRAFITE.

DIÓGENES, Glória

Doutora em Sociologia, Professora do Programa de Pós-graduação em Sociologia, Coordenadora do Laboratório das Juventudes – Lajus

Universidade Federal do Ceará

gloriadiogenes@gmail.com

SILVA, Lara

Mestranda em Sociologia, membro do Laboratório das Juventudes – Lajus

Universidade Federal do Ceará

laradeniseoliveira@yahoo.com.br

Resumo

Este texto procura discutir experiências juvenis, tendo como referência empírica a movimentação de grafiteiros no espaço urbano e no ciberespaço por meio da produção de signos e elementos de construção de *afectos* e subjetividades. Busca-se apreender de que forma acontecem seus itinerários na cidade e, aqui de forma mais incisiva, seu correspondente prolongamento nas redes sociais da Internet.

Abstract

This text discusses youthful experiences, with reference to empirical movement of graffitiers in urban space and in cyberspace through the production of signs and construction elements of affect and subjectivity. We seek to learn how their itineraries happen in the city, and here more forcefully, its corresponding extension in the social networks of the Internet.

Palavras-chave: grafiteiros; espaço urbano; ciberespaço
Keywords: graffitiers; urban space; cyberspace

PAP0498

Experiências de pesquisa anterior com jovens de gangues e galeras mostraram que o trânsito juvenil pela cidade, embora siga lógicas particulares, tem a característica comum de ser não-fixista e trazerem para a discussão o lugar do corpo e de lugares em movimento nos processos de territorialização dos espaços urbanos. Percebe-se também que no ambiente virtual acontece uma extensão da atividade na rua, como via de desdobramento de sociabilidades e *afectos*. Consideramos que os grafites produzem, além de sua expressão concreta material, aquilo que estamos denominando de *escrituras de si*.

As cidades têm interioridades, funções subjetivas. Caiafa (2002, p. 35) no seu estudo sobre jornadas urbanas afirma a necessidade de se conceber processos subjetivos na cidade “*em adjacência a processos sociais e materiais que os modeliza e, por sua vez, se desdobram e mudam também*”. Segundo a autora, isso tudo molda faculdades psíquicas, mobiliza impulsos afetivos, produz desejos e aqui, acrescentamos, escritos de si. Estamos nomeando de *escrituras de si* linhas de construção subjetivas que ampliam, combinam, misturam as possibilidades do corpo, da técnica para que se torne possível a *formulação* de novos territórios existenciais: entre cidade e ciberespaço. É esse o horizonte teórico- metodológico no qual este texto está situado.

Ao acompanhar jovens grafiteiros em suas ambulações pela cidade para a realização das atividades de grafitismo, já tínhamos como referente metodológico a ideia do movimento. De outro modo, a experiência de campo nos permitiu compreender que lógica cadenciava essa movimentação e como ela se *distendia* entre a esfera *real* e *virtual*. Os jovens *marcadores* da cidade não seguem, estritamente, a regra da filiação territorial, ou seja, grafitam em diferentes bairros, não se limitando ao seu de origem. Muitos nem grafitam nos locais onde residem. Então, como se dá essa escolha? Como é concebida e pactuada a estratégia de multiplicar e des-localizar suas presenças nos perímetros ilimitados da cidade e do ciberespaço? Observou-se que longe de ser aleatória, a predileção pelos lugares de grafiteagem pode ser motivada, também, por fatores *afectivos*, pela necessidade de transposição de *marcas juvenis de periferia* para lugares de visibilidade pública, como experiência de ativação simbólica de pertencimento. Nesse texto devemos assinalar que mais que *marcas* de filiação geográfica ou territorial essas transposições acabam por ampliar o repertório de signos do que significa juventude e seu universo de práticas e construções subjetivas e os *escritos de si*.

Essa tendência ao nomadismo, ao deslocamento marca a inserção da juventude nas “sociedades complexas”:

Enfatizo que essa maleabilidade e fluidez é um dos aspectos mais cruciais para um esforço de compreensão das sociedades complexas, particularmente nas grandes metrópoles. Cria uma possibilidade de jogos de papéis e de identidade, que é uma das marcas mais expressivas de seu estilo de vida. (Velho, 1995, p. 25).

Como bem pontua Velho (1995), são esses vestígios de multiplicidade de experiências que destacam a precariedade de qualquer tentativa fixista na construção de mapas socioculturais. Isso certamente engendra outros nexos e fios, também, na formação de vínculos atores-espaço. No caso dos grafiteiros, a dimensão não fixista assume fortes tonalidades. Interessante perceber que mesmo a filiação territorial não sendo o vetor preponderante para a escolha dos lugares para grafitar, o fato de cruzarem a cidade, paradoxalmente, remete a noção de pertencimento a um lugar, pois seus corpos e seus grafites carregam sinais que denunciam serem eles estrangeiros: “*O território vive os seus limites, e transpor essas fronteiras provoca a reação social que anuncia ao estrangeiro que está pisando nas bordas de outro espaço*” (Silva, 2001, p.18).

Ao registrarem esses acontecimentos na Internet por meio de fotos e vídeos, os grafiteiros de certa forma repetem o que acontece na esfera pública, já que “*os circuitos existentes fora da internet podem encontrar correspondência directa on-line*”. (Simões, 2011, p. 231). Signos do grafite atuam como suportes não apenas para novas inscrições no espaço ampliado da cidade, mas também como sedimento para construção de liames de *afectos* entre os jovens e o feixe de lugares em que transitam e *marcam* suas passagens e seus *escritos*.

1. Quem são os jovens grafiteiros?

Torna-se assim necessária aproximação com o *campo* na tentativa de compreender o grupo juvenil em questão e seus entrelaçamentos com a cidade e com esferas de sociabilidade do ciberespaço. Para entender como os corpos-grafiteiros circulam, se apropriam e marcam territórios na cidade e no ambiente virtual é necessário se aproximar dos sujeitos grafiteiros, de suas percepções e construções simbólicas sobre a cidade e na cidade.

Desenvolvemos atuação em campo junto a grafiteiros de Fortaleza desde os primeiros passos do movimento *hip-hop* em Fortaleza (1994), procurando mapear e acompanhar a circulação e a sociabilidade entre os sujeitos. Em sua maioria, eles estão reunidos em grupos denominados de *crew*. Cada grupo possui um nome que é “assinado” ao lado dos grafites, indicando não apenas a qual grupo aquele grafiteiro pertence, como também seus modos de enunciação e percepção *pública*, diante das demais *crews*.

Os grafiteiros são em maior número do sexo masculino, mas há entre eles grafiteiras. As jovens do sexo feminino são, em sua maioria, companheiras/namoradas dos grafiteiros e muitas vezes é essa a porta de entrada no grafite. Eles têm entre 15 e 30 anos e moram, preponderantemente, em bairros ditos de periferia da cidade. Suas ocupações são diversificadas: alguns trabalham em searas que nada tem a ver com o grafite, outros tem esta atividade como seu principal sustento. Há os que ainda estão na escola e os que conciliam estudar, trabalhar e grafitar. Para alguns, o grafite é um lazer, uma diversão para outros, um meio de sobrevivência, um estilo de vida.

O grafite é uma prática social encontrada em cidades de diferentes partes do mundo, cujas manifestações locais possuem peculiaridades. Em comum, há a ligação com a juventude moradora de regiões de periferia e que vive em condições de difícil acesso a serviços básicos como educação, lazer, trabalho. Lembramos que isso não é uma regra, pois alguns grafiteiros pertencem a categorias sociais com maior poder aquisitivo. A apropriação do espaço público da cidade vivenciada por esses jovens como estratégia de resignificar a cidade e deixar suas *marcas* é outra característica comum. É o que mostram as pesquisas de Armando Silva (1987) na Colômbia, José Arce (1999) no México, Néstor García Canclini (2008) em cidades da América Latina como Buenos Aires, Cidade do México e Caracas, Lígia Ferro (2010) em Portugal e na França além de Machado Pais (2000) em Portugal.

Sua expansão por países diversos ocorreu em meados da década de setenta e teve como vetor o movimento cultural *hip hop* cujas linguagens estão agrupadas em torno da dança, música e pintura. “*O graffiti é proclamado um dos elementos do hip hop, cultura que teve nos jovens hispano e afro-americanos os seus protagonistas*”. (Ferro, 2010, p.78).

O *hip hop* nasceu nos Estados Unidos (Ferro, 2010) e atualmente existe como manifestação cultural e movimento social em muitos países: “*a comercialização do hip-hop (sobretudo da música rap) encarregou-se de o globalizar, contribuindo para a generalização de um conjunto de recursos culturais comuns*”. (Simões, 2011, p. 224, grifo do autor). Embora seja um movimento de escala mundial, pela quantidade de países que abrange, o *hip-hop* tem suas especificidades mediadas pelas condições culturais locais, pois “*se podemos identificar uma certa convergência cultural em torno de um conjunto de práticas partilhadas e de um imaginário comum, devemos notar igualmente uma certa divergência cultural, resultante dos diferentes contextos locais onde o hip-hop é adotado e adaptado*”. (Simões, 2011, p.224, grifo do autor)

Os fatores idade e pertencimento social explicam em parte a adesão dos jovens ao movimento grafite. Outras variáveis devem ser levadas em consideração como a publicidade que o grafite vem recebendo da mídia e do mercado de artes. Observa-se que algumas iniciativas governamentais e não-governamentais, algumas vezes, têm utilizado o grafite como ação capaz de deslocar práticas de delinquência juvenil e assim *canalizar a violência* para a atividade artística e criação social. Mais que isso, “*o hip-hop duplicou, re-interpretou a experiência da vida urbana e apropriou-se, simbolicamente, do espaço urbano por meio do sampleado, da postura, da dança do estilo e dos efeitos do som*” (Rose, 1997, p. 193). O grafite veio traduzir e dar visibilidade a outros léxicos *juvenis* urbanos que, presentemente, ultrapassam os muros e povoam as *telas* do ciberespaço.

O urbano parece ter sido tomado por essa presença recorrente dos jovens nas ruas, imprimindo uma nova dinâmica de uso e uma forma diferenciada de nomear e “zonear” os espaços urbanos: as zonas de perigo, de agito, os points, as bocas-de-fumo, as tocas, os becos [...] apontando outras imagens possíveis de identidade coletiva e de conflito na cidade. (Diógenes, 1997, p. 123)

Observa-se na pesquisa atual que com essa presença de jovens nas ruas os recursos simbólicos de renomeação da cidade e reconfiguração de seus usos e zonas assumem novos contornos com a ampliação da sociabilidade dos grafiteiros para o ciberespaço. Isso vai corroborar com o eixo de pensamento tracejado por Guimarães (2010, p. 50) acerca de uma presença incorporada em ambientes da sociabilidade *on-line*. “O emprego de metáforas espaciais, tais como “salas de chat”, navegação, etc. revela que mesmo o ciberespaço constituído por plataformas baseadas em texto também é percebido como espaço simbólico” (Guimarães, 2010, p. 50).

Assim, as possibilidades de verem e serem vistos assumem um panorama bem mais amplo e povoado por múltiplos códigos de acesso e de interpretação de seus campos de sociabilidade. Multiplicam-se nas *crews* da cidade e do ciberespaço as possibilidades de *escrituras de si*. Como ressalta Recuero (2009, p. 27) “É preciso ser visto para existir no ciberespaço. É preciso constituir-se parte dessa sociedade em rede, apropriando-se do ciberespaço e construindo um “eu” ali”. O grafite possibilita múltiplas formas de multiplicação do *self* nos cenários da cidade e do ciberespaço.

Todos são fatores que também explicam o fascínio que o grafite parece provocar nos jovens, pois segundo Pais (2003, p.70) “os jovens desenvolvem uma espécie de culto da sensação multiplicada [...] [que] glorifica a vagabundagem, o boemismo, a extravagância [...] proporcionando ao mesmo tempo vivências experimentalistas, numa aversão clara a todos os situacionismos”. O gosto pelo excessivo, pelo deixar marcas em locais de fluxos e espessamentos urbanos, o “culto da sensação multiplicada” possibilita a profusão de novos códigos de *afectos* juvenis, de ampliação de suas construções subjetivas, de novas *escrituras*. A busca da diferença, o desejo de impactar, de provocar contrastes, marcas definidoras de *existência social* é o que parece mobilizar “a juventude dos anos 90” (Diógenes, 1998, p. 103), se prolongar e se complexificar nos tempos atuais. O grafite vai se delinear como uma dilatada parede móvel capaz de possibilitar e intensificar o espetáculo das diferenças nas cidades.

É nesse contexto de identificadores que o grafite atualmente vem se tornando “independente” do *hip-hop* e estabelecendo conexões com outras influências como as artes plásticas, por exemplo. Embora ainda carregue traços da relação com este movimento, nos estilos dos desenhos, nos temas grafitados e nos próprios sujeitos. Os grafiteiros com os quais tivemos contato na pesquisa de campo podem, grosso modo, serem agrupados em dois pólos: de um lado estão os grafiteiros filiados ao *hip-hop* e militantes do movimento. De outro, os que mantêm uma relação mais distante, algumas vezes sem cortar laços, e outras já sem afinidade nenhuma, expressando até mesmo uma necessidade de diferenciação. Nesse sentido, em Fortaleza o grafite assume características ao mesmo tempo globais e locais, já que “globalização e mundialização são os novos nomes que designam o complexo de variáveis que atinge as cidades” (Ferrara, 2009, p.123) e produzem e difundem signos da metrópole que podem ser percebidos em lugares diversos do planeta nas múltiplas formas de *escrituras de si*.

Os diferentes estilos, cujos alguns nomes são em inglês (*wild style, thought up, bomb* e *cartoon*) revelam a influência norte-americana. Muito das técnicas utilizadas, como manipular a frequência de saída da tinta na lata, por exemplo, são compartilhadas por grafiteiros de outras cidades, o que revela como a prática do grafite é atravessada por feições mais ou menos gerais, seja em Fortaleza ou em outra cidade. A internet tem se colocado como o vetor que confere velocidade e a possibilidade *em tempo real* de compartilhamento e divulgação entre grafiteiros de outras *crews* que povoam o ciberespaço.

No entanto, é a apropriação local que é dada a essas características globais que tornam os grafites de cada cidade um objeto particular. Os temas grafitados muitas vezes dizem respeito à realidade local ou são uma releitura de acontecimentos de repercussão mais significativa. Há ainda adaptações que os grafiteiros têm que fazer para conseguirem adequar a atividade de grafitar com suas realidades econômicas. São

considerações a que chegamos devido ao trabalho de campo cuja dinâmica se revela por meio do termo *circuito*, no sentido empregado por Magnani (2005).

O *circuito* da pesquisa na qual este texto é um relato-reflexão diz respeito à participação de eventos promovidos pelos grafiteiros, o acompanhamento em atividades de grafismo e o ato de fotografar suas produções pelos diferentes bairros da cidade e nas nossas visitas *on-line*. A ideia de circuito “*é privilegiar sua inserção [dos jovens] na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca.*” (Magnani, 2005, p.177).

No nosso caso, a circulação impõe um novo ritmo, uma porta entre virtual ao real, de um campo de passagens e compartilhamentos das imagens nos muros da cidade até o ato de seguir telas virtuais e avatares. É que para poderem “habitar esses espaços, os usuários necessitam de um corpo, uma representação física de sua presença no ambiente. Esses corpos virtuais são chamados avatares e são objetos de múltiplas representações a respeito de sua corporalidade...” (Guimarães, 2010, p. 50).

Com essa finalidade, o pesquisador precisa saber identificar uma arena complexa de produção de imagens juvenis, de suas expressões subjetivas ele, também, transmutando entre os planos corporais, materiais e simbólicos. Os movimentos entre *virtual* e *real* possibilitaram não apenas um desdobramento do campo de observação, como uma visão privilegiada do campo *concreto* de pesquisa.

Em todos esses momentos o diário de campo se colocou como basilar instrumento de pesquisa. Muitas informações anotadas lá eram rematadas devido à consulta de perfis dos sujeitos nas redes sociais, em particular no Facebook e Orkut. Assim, a internet tornou-se também local de pesquisa, mostrando-se como uma estratégia metodológica nevrálgica para acompanhar as trajetórias dos grafiteiros também no universo *virtual*, já que os mesmos mantêm perfis nas redes sociais, além de blogs, *sites* e outros suportes da internet.

“*Estudar redes sociais é, portanto, estudar os padrões de conexões no ciberespaço*” (Recuero, 2009. P. 22). Assim sendo, guiou-se a observação tendo por base a riqueza da experiência empírica, a noção de que a esfera virtual não é apartada dos mundos *concretos* de vida, mostrando-se ao contrário como esfera conectada e formadora das experiências de grafitegem. E os referidos “padrões de conexões” atravessam a cidade e o ciberespaço. São esses os rastros que seguimos e continuamos acompanhando. Tendo em vista que “o virtual não se limita a traduzir mimeticamente o real, engendra-o, acrescentando-lhe atributos” (Simões, 2011, p.240) indaga-se: como os *afetos* podem ativar elementos simbólicos e *escritos de si* que atravessam fronteiras entre o *virtual* e o *real* e produzem signos e intervenções urbanos por meio do grafite?

2. Janelas e linhas de composição do olhar etnográfico no ciberespaço

Na qualidade de internautas, ao longo de tantas experiências de pesquisa e atuação junto a grupos juvenis, fomos sendo “adicionadas” no Orkut e Facebook por sujeitos mais diferenciados desse universo: alunos, ativistas do movimento hip-hop, pichadores, participantes de torcidas organizadas, moradores de rua (estes usam a internet, sim, em *lan houses*), integrantes de bandas musicais e por tantos outros.

Inicialmente, por curiosidade, visitávamos perfis, observávamos os nomes dos usuários, as imagens e descrições da página de abertura de redes sociais. Logo um fato nos chamou atenção: quando se tratava de jovens, principalmente entre aqueles que pareciam ocupar espaços da cidade como forma de se destacar, de alardear suas presenças, a descrição de si, a construção do perfil no Orkut e Facebook, era quase sempre efetuada através de um “método dramático”, como enuncia Barthes (1981) no seu *Fragmentos de um discurso amoroso*. O uso de superlativos, de hipérboles, de elocuições de impacto, de opiniões extremadas, como a epígrafe que dá início a este texto, expressava intensidades dos mais variados *afectos* na paisagem do ciberespaço. As mensagens, os perfis dos grafiteiros e suas inserções em tópicos de comunidades moviam-se pela necessidade do uso de palavras com poder de afetar, de provocar impactos, reações capazes de promover, ampliar interações e multiplicar experiências do ato de grafitar e deixar marcas na cidade.

Fomos percebendo que, provavelmente por deslocarem-se para além do tempo linear, por prescindirem de um corpo orgânico para atuar como suporte de expressão, os *afectos* virtuais pareciam seguir mais velozes e

sem fronteiras. Na paisagem da internet, gestos e palavras se fundem, possibilitando a construção de corporalidades móveis, retráteis e múltiplas. A relação entre ator social e redes é constituída através de arquiteturas flexíveis, geografias em movimento e fronteiras não previamente definidas (Castells, 1999).

Provavelmente, por permitir uma maleabilidade na construção de perfis, por possibilitar uma infundável invenção de sujeitos, conexões sociais, culturais, afetivas, estéticas e políticas, o ciberespaço produza, amplie e dê visibilidade a uma miríade de práticas juvenis. Levando-se em conta um ambiente de fluxos, sem barreiras físicas, sem prévios contornos de segregação de classe social, etnia, orientação sexual, vivências culturais e artísticas, as interações sociais de juventudes no ciberespaço podem assumir tons e tonalidades de maior potência. E isso não imprime, necessariamente, conotações positivas ou negativas do caráter maléfico ou do uso benéfico das redes sociais da internet.

O desafio foi de perceber, no trabalho de campo, os modos como os grafiteiros mobilizam seus corpos, as marcas de suas passagens, suas artes e a construção de *afectos* e as produções de subjetividades nos vários escritos de si deixados nas dobras da cidade. De acordo com Rifiotis (2010, p. 22) “*O que chamamos de socialização no ciberespaço é um conjunto complexo de afinidades, interesses, práticas, discursos que ocorrem como um processo de iniciação no qual interação experiências on-line e off-line*”.

Esse desafio de percepção depara-se com dois tipos de mutações: a do artefato-grafite, tornando-se *concreto* e digital; e do corpo-grafiteiro que se desdobra entre seu *crew* e o avatar criado e difundido no ciberespaço. Quanto às mutações juvenis nos corpos das metrópoles, Canevacci (2005) lembra que elas expressam a irrupção e a assimilação de novas tecnologias. Nesse esteio de reflexão, o autor citado indica um lugar de misturas por ele denominado de tecnologias incorporadas:

Os componentes naturais do corpo – afirmação de per si já ambígua, pois cada traço do corpo, assim como o corpo em sua totalidade, foi sempre atravessado por poderosos significados simbólicos (e por isso nunca se pode falar apenas no corpo biológico) – foram progressivamente subtraídos à dimensão naturalista do século XIX, para abrir-se e desarticular-se numa miríade de microtecnologias, microprocessadores, chips que podem ser substituídos por próteses temporárias (Canevacci, 2005, p. 31).

Essa metamorfose, esses encontros, já especificados também por Santaella (2010), se valem de ferramentas das redes sociais para sinalizar limites e possibilidades do corpo. É por meio desse ator grafiteiro, constituído por múltiplos repertórios, com o corpo desdobrável, de contornos borrados, de nomeações intercambiáveis e *afectos* intensivos que realizamos *circuitos* e trajetórias.

Aqui percebemos o desafio de concretização de uma pesquisa, aparentemente, de natureza visual e geográfica transposta para âmbitos que se complementam e se distinguem: *real* e *virtual*. Quando se trata de uma etnografia no ciberespaço, a perspectiva do movimento e da relação espaço-tempo assume outros contornos e outra aceleração. Não apenas as dimensões de lugar, de corpo e ator social aqui se encontram cadenciadas por uma tensão permanente, assim como os próprios instrumentais do *métier* antropológico demandam o uso de novas artimanhas metodológicas. Trata-se de uma antropologia *entre* lugares, *entre* corpos, *entre* sujeitos. É possível? Lemos (2010, p. 17), no seu estudo sobre cibercultura, assinala que presenciou a formação de comunidades diversas “*mesmo sem a presença corporal e/ou territorial; víamos smileys e flames nas trocas de mensagens; sexo e violência; pirataria e hedonismo*”. Aqui reside o ponto mais crítico desse esforço de investigação: nem constituir a utopia de um lugar livre para invenção e multiplicação dos sujeitos, nem uma perspectiva apocalíptica do colapso dos mesmos. Os *afectos* de grafiteiros, provavelmente por suas intensidades, seu impacto de cores e formas cruzam domínios, utilizam-se de uma gama infundável de ferramentas, atravessam fronteiras e desenharam, como diz Castells (1999), uma geografia móvel modulada por novos arranjos do tempo e do espaço. Nem para o bem, nem para o mal: apenas movimentos reinventados, reterritorializados, condensando pontos diferenciados de uma paisagem extensiva de práticas.

A mobilidade e a velocidade de territorialidades em movimento ganham contornos ainda mais destacados no ciberespaço por representarem esferas de múltiplas entradas e saídas, alargando, também, a condição de sujeito. Como diz Castells (1999, p. 557), estamos diante de um “*tempo intemporal pertencente ao espaço dos fluxos*”, mobilizando a busca de novas conectividades, “*em identidade compartilhada, reconstruída*” (p.

59). Assim sendo, sujeitos e *afectos* misturam-se, hibridizam-se, produzindo configurações de contornos coletivos sem que se delineie um lugar fixo, um ator identitário, uma autoria individual, um tempo cronometrado e cronológico na produção de grafites.

É nesse intervalo de alternâncias, de sobreposições, de variações contínuas que os *afectos* juvenis ganham potência e velocidade através dos grafites. E, como não assumem fixidez, mais facilmente formam e transformam os perfis sociais da internet e se distendem como mais uma alternativa aos espaços demarcados da cidade.

No caso de grafiteiros e pichadores, como pontua Silva (2001, p. 27), o que se quer evidenciar são expressões, imagens, cores e formas que se constituem como vitrinas de *afectos* na paisagem do ciberespaço. Através das vitrinas são construídas janelas, *“espaços para que os outros nos olhem, mas também para olharmos através dela [...], a vitrina se constitui num jogo de olhares, uns que mostram, outros que vêem, uns que olham como os outro vêem, outros que vêem sem saber que são vistos”*. Sigamos as pistas deixadas por entre telas e vidros murados da metrópole.

3. Vias e muros do ciberespaço

Como enunciado anteriormente, verifica-se que há uma relação direta da atividade do grafite na rua com a vida e as redes que se formam no ciberespaço. Em perfis, blogs, sites e *fotologs* os grafiteiros divulgam vídeos, músicas, eventos, publicam fotos de suas produções, de suas ações, de si, além de reforçarem as relações sociais entre seus pares. Analisamos os perfis de grafiteiros nas redes sociais *facebook* e *Orkut* e os grupos de discussão/comunidades “graffite-CE”, presente nos dois sites, procurando perceber como a atividade de grafitar na rua era transfigurada na Internet.

Elegemos como eixo de análise elementos que compõe o perfil do grafiteiro como foto, nome, álbum, vídeos e assuntos que compartilha, divulga, assim como as redes de relações que ele constrói a partir dos comentários que deixa ou que recebe em suas fotos, mensagens e no referido grupo de discussão.

com a presença cada vez maior de computadores conectados a redes digitais as comunidades passam a ser formar segundo um ambiente relacional, ‘lugar’ onde as relações sociais se dão por meio de conexões eletrônicas, dentre as quais a internet é atualmente a mais importante” (Leite & Pontual, 2006, p.102).

Observou-se que a maioria das fotos do perfil, seja do *Orkut* ou do *Facebook*, diz respeito a um grafite produzido pelo dono do perfil ou expõem um momento da atuação do grafiteiro. Na referência ao nome, observa-se, também, um grafite e uma alusão ao grupo que pertence, assina-se, por exemplo: “Paulo” seguido da palavra grafite ou “João” acrescido do nome da *crew*. Nota-se que há um reforço da filiação grupal que também é efetuada nos muros.

Os álbuns são compostos por imagens dos grafites e de ações de grafitismo além de fotos da família e amigos o que de certa maneira resolve a questão de como preservar os grafites feitos nas ruas, já que a durabilidade deste depende da dinâmica urbana: ele pode ser apagado ou sobreposto por outra intervenção urbana como a pichação, por exemplo. É uma maneira de ocupar o ambiente duplamente, uma vez que com a Internet

surge a cibercultura, virtual e frequentemente anônima, ao mesmo tempo em que se constata um inegável alargamento do espaço público, que passa a ser planetário [...] as relações vão além do espaço público cosmopolita, ou melhor, recria-se o domínio público, mas agora sem limites geográficos ou sociais. (Ferrara, 2009, p. 134).

Os comentários observados nas fotos de grafite tecem elogios a qualidade técnica do grafiteiro ou fazem referência ao momento em que a foto foi feita, o que aconteceu nesse dia etc, reforçando as redes sociais fora da esfera virtual e construindo outras redes, pois a internet possibilita a locação de relações com grafiteiros de outras cidades.

Nos recados trocados usam-se muitas gírias que fazem parte também do vocabulário falado e que remetem ao sudeste do país, revelando a influência que movimento hip hop tem no grafite, mesmo que este atue

independente do hip hop. Exemplos são: "trampo", para se referir a confecção de um grafite ou ao ato de trabalhar, "salve" que pode ser tanto uma saudação como uma ação, ou seja, sair para um salve é sair para grafitar, "riscar" significar pintar, fazer um grafite. Por mensagens trocadas nos perfis, os grafiteiros convocam uns aos outros para os "tramos", ou seja, para grafitar, sugerem lugares e avaliam a viabilidade desses locais sugeridos. Através dessa ferramenta é possível ver como são requisitados para dar oficinas, cursos ou fazerem intervenções de grafite nos muros de escolas, ONGs etc.

O *facebook* oferece a ferramenta de compartilhar outras páginas da *web*, vídeos e fotos e de usar a opção "curtir" caso tenha gostado desse compartilhamento. Os compartilhamentos mais curtidos dizem respeito, em sua maioria, ao grafite ou a arte urbana de outros países inclusive, mostrando que os grafiteiros locais procuram estar antenados com o que acontece nas cenas de outras cidades. No grupo de discussão do *Facebook* e na comunidade do *Orkut* eles elegem temas para discussão, mobilizam e resolvem conflitos.

De forma geral, os perfis de grafiteiros em redes sociais são espaços que possibilitam apreender um pouco da dinâmica da "cena" do grafite não como um acessório ao que acontece no ambiente da cidade, mas como uma extensão dessa. O fato de quase a totalidade de grafiteiros de Fortaleza manterem perfil nas redes sociais confirma uma tendência de ver o "espaço virtual funcionando como uma *ampliação da superfície de contato* de cada sujeito com seus pares e com o mundo [...] ligar-se em rede e 'estreitar' o mundo é uma escolha, algo como uma *camada adicional* de sociabilidade disponível" (Eugenio, 2006, p.174). Acontece um alargamento dos territórios de demarcação na cidade e de suas possibilidades, conferindo à mesma uma significação mais fluida, menos sujeita as fronteiras e fatores de segmentação do espaço, da contenção do corpos e do controle do tempo.

Algumas vezes, no ciberespaço, as mensagens de grafiteiros e pichadores têm o intuito de demarcar modos de ser, de instituir diferenças:

Se não gosta de Grafite nem entre na comunidade, e se quiser entrar ao menos tenha educação e respeite todos os nossos membros. Grafite também é profissão, NINGUÉM Aqui é a favor de chegar no muro de qualquer casa e ir "fazendo desenhinhos" então, antes de criticar, se informe, dê sua opinião de uma forma sincera sensata e objetiva. Já fomos chamados para participar de varios projetos de filmes sobre arte de rua, muitos deles com patrocinios fortes, como "Petrobras" e etc , então não me venha dizer que isso é coisa de "maloquero" pessoas sem cultura , muito pelo contrario, pra se fazer isso se precisa de talento e, quem é bom se destaca! (texto de apresentação da comunidade "grafite é arte").

"Maloqueiros", "pessoas sem cultura" e "aqueles que apenas fazem desenhinhos" são referentes atribuídos, no geral, aos pichadores. Nessa apresentação da comunidade "Grafite é arte", verifica-se um jogo de diferenças mediado por sentimentos: respeito, talento, sinceridade, pessoas sem cultura, dentre outros. Pode-se perceber que as palavras inscrevem-se com o desígnio de atingir, de afetar ou outro que *visita* a comunidade.

Tanto no *Orkut* como no *Facebook*, pudemos reconhecer códigos de identificação de usuários, escrituras de si, comumente utilizadas na construção de perfis sociais, com fortes apelos emocionais. Em *sites*, perfis, na participação em tópicos de comunidades, tanto de pichadores quanto de grafiteiros, observa-se uma necessidade intensiva de se destacar diferenças de lugares de aceitação e de afirmação pública. Num perfil denominado "malucos pelo grafite", nota-se a tonalidade vibrátil do discurso:

*é nois mpg conciderando para ser conciderado...
separado somos fortes
juntos somos inbativéis
(blz)
>>MALUCOS PELO GRAFITE<<
é soh pra quem ama mesmo a sigla.
um alo para a galera que ta pro que der e vinher na MPG
a moçada é resposta é nois na fita.
o nego a ama a nosso sigla bandido.*

Assim como nos perfis, nas comunidades o “nois” comumente se impõe como tradução de um corpo coletivo. Embora Souza e Rocha (2010, p.199) relatem que quase sempre é observada a recorrência de um “*tom confessional das escrituras. Em muitas comunidades do Orkut tal tom é fortemente evocado*” e quase sempre é mesclado por referentes concernentes à ideia de que “juntos somos inbatíveis”.

No âmbito das relações do ciberespaço, tanto se projetam dinâmicas distintas e múltiplas da construção dos sujeitos, de seus planos de identificação, quanto os modos de intervenção e produção de linhas estratégicas entre individual e coletivo. Esse é o desafio que nos mobiliza, na condição de antropólogas urbanas, as vontades de identificar como esses espaços de conexão entre possibilidades – “*o nego ama nossa sigla bandido*” – motivam, dilatam redes e a propiciam a visibilidade dos grafites na cidade.

O grupo de pesquisa GrupCiber, composto há mais de uma década na Universidade de Santa Catarina, sugere a necessidade de afirmar que o ciberespaço, diferentemente da recomendação de Lévy (2003), trata-se de um ambiente social e não apenas de um novo espaço de comunicação.

Isso, é claro, não significa negar o extremo ganho em termos comunicacionais do ciberespaço, tampouco significa negar que a comunicação seja também por um elemento fundamental disso que em antropologia tratamos por relações sociais, ou interação. [...] Mais fortemente investir em estudos do ciberespaço, compreendido como espaço de relação social, implica para nós partir de uma diferença essencial entre comunicação e interação e para mais além, implica para nós não distinguir essencialmente espaços “on-line” de espaços “off-line”, como que dotados de qualidades valorativas m termos de relações sociais (Segata, 2008, p. 3).

Essa perspectiva não apenas abre um leque na concepção de lugares antropológicos (espaço social), como produz uma fenda para novas esferas de relação social (*on-line e off-line*) e compartilhamento de imagens e marcas de grafiteiros e de pichadores no espaço da cidade. Não é preciso um terreno material, geográfico para que as imagens ganhem cor, formas e texturas. “No ciberespaço, as imagens substituem os corpos ausentes” (Pais, 2006, p. 20). Os grafites, as pichações parecem se libertar de seu suporte material, traduzindo o desafio de um etnografia hipertextual (Eckert & Rocha, 2005) com base numa comunicação recambiante, *deletável*, atualizável sem as barreiras de segregação que pontuam o cotidiano das metrópoles.

Esses são apenas *pedaços de circuitos* do ato de seguir pistas e rastros de jovens grafiteiros. Certamente, ao construirmos esses registros, nesse tempo que se multiplica, muito destes podem ter sido *deletados*, aperfeiçoados, ou mesmo transplantados em formas e cores por entre domínios da cidade *presencial* e do ciberespaço. Os *escritos de si*, de jovens grafiteiros - isso foi visivelmente percebido no âmbito dessa etnografia - dispõem de muito mais signos, de mais velocidade e de fluxo que não se percorre por setas lineares. Aqui trouxemos apenas algumas linhas de reflexão e experimentação etnográfica. Certamente elas ganharão novos contornos nas trocas e encontros que se estabelecem no ato de olhar, para aquilo que antes parecia o contrário do *real* e, assim estabelecer outros liames para a antropologia urbana.

Referências Bibliográficas

- Arce, J. (1999). *Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Barthes, R. (1981). *Fragmentos de um discurso Amoroso*. Rio de Janeiro: F. Alves.
- Caiafa, J. (2002). *Jornadas Urbanas – exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV.
- Canevacci, M. (2005). *Culturas Extremas – Mutações juvenis nos corpos das metrópoles*, Rio de Janeiro: DP&A.
- Castells, M. (2009). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.

- Canclini, N. G. (2008). *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. 4.reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Diógenes, G. (1997). Rebeldia Urbana: Tramas de exclusão e violência juvenil. In Herschmann, Micael (org). *Abalando os anos 90 – Funk e Hip-hop, globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Diógenes, G. (1998). *Cartografias da cultura e da violência – gangues, galeras e o movimento hip hop*. São Paulo: Annablume.
- Diógenes, G. (2003). *Itinerários de corpos juvenis: o baile, o jogo e o tatame*. São Paulo: Annablume.
- Eugenio, F. (2006). Corpos voláteis: estética, amor e amizade no universo gay. In Almeida, I. & Eugênio, F. *Culturas Jovens – Novos Mapas de afetos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Eckert, C. & Rocha, A. L. da. (2008). Etnografia: saberes e práticas. *Revista Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais*. v. 9, p. 1-23. Acesso em 10, abril, 2012 em <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9301/5371>.
- Ferrara, L. (2009). Cidade: fixos e fluxos. In *Flagelos e horizontes do mundo em rede*. Porto Alegre: Sulina.
- Ferro, L. (2010). O graffiti mediador. Reflexões sobre as metamorfoses da prática em três cidades. In Velho, G. & Duarte, L. (org). *Juventude Contemporânea: culturas, gostos e carreiras*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Guimarães, M., Jr. (2010). Sociabilidade e tecnologia no ciberespaço. In Rifiotis, T., Máximo, E. & Segata, J. *Antropologia do Ciberespaço*. Florianópolis: Ed. UFSC.
- Lévy, P. (1996). *O que é virtual?* São Paulo: Ed. 34.
- Lemos, A. *Ciber-rebeldes*. Acesso em 10 abril, 2012 em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:2Cupb0mgzEwJ:www.faced.ufba.br/~edc287/topicos%2520e%2520textos/redes/etica/rebelde.html+CIBER-REBELDES+-+Andr%C3%A9+Lemos&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>.
- Magnani, J. (2005). Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social. Revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 2, p. 173-205.
- Pais, M. (2000). Traços falantes (a cultura dos jovens grafiteiros). In *Traços e Riscos de Vida*. Lisboa: Ambar,
- Pais, M. (2003). Labirinto de vida e trajetórias yô-yô. In *Ganchos, Tachos e Biscates*. Lisboa: Ambar.
- Pontual, V. & Leite, J. Da cidade real à cidade digital: a flânerie como uma experiência espacial na metrópole do século XIX e no ciberespaço do século XXI. *Revista Famecos*, nº30, p.99-105.
- Recuero, R. (2009). *Redes Sociais na Internet*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina.
- Rifiotis, T. (2010). Antropologia do ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. In Rifiotis, T., Máximo, E., & Segata, J. *Antropologia do Ciberespaço*. Florianópolis: Ed. UFSC.
- Rose, T. (1997). Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip-hop. In Herschmann, M. (org). *Abalando os anos 90 – Funk e Hip-hop, globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco
- Santaella, L. & Lemos, R. (2010). *Redes Sociais Digitais*. São Paulo: Paulus.
- Segata, J. (2008). *Lontras e a construção de laços no Orkut: uma antropologia no ciberespaço*. Rio do Sul: Nova Era.
- Silva, A. (1987). *Punto de vista ciudadano. Focalización visual y puesta en escena del graffiti*. Bogotá: Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo.
- Silva, A. (2001). *Imaginários Urbanos*. São Paulo: Perspectiva.

- Simões, J. (2011). Internet, *hip-hop* e circuitos culturais juvenis. In Pais, M. et al, *Jovens e Rumos*. Lisboa: ICS.
- Souza E., & Rocha, T. (2010). *A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais*. Salvador: EDUFBA.
- Velho, G. (1995). *Projeto e Metamorfose – Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.